

Variabilidade fenotípica em ovelhas Crioulas do núcleo de conservação da Embrapa Pecuária Sul

José Carlos Ferrugem Moraes
Pesquisador Embrapa Pecuária Sul

Carlos José Hoff de Souza
Embrapa Pesca e Aquicultura

A definição pela criação de uma raça de ovinos depende de diversos fatores. Entre os quais o mais importante e definitivo é a preferência do criador, que pode ser influenciada por aspectos de tradição familiar, cultura regional, moda, qualidade dos campos, mercado de produtos e objetivo de produção.

O rumo que a seleção determina em cada rebanho também é influenciado pelos mesmos fatores. Neste contexto, é importante que grupos de criadores organizados nas associações de raças venham a “zelar” pelas características mais comuns e desejáveis dos animais dentro de cada grupamento racial.

Especificamente a raça Crioula é descrita no regulamento do Serviço de Registro Genealógico de Ovinos (SRGO) da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO) como uma raça local originária da península ibérica, introduzida durante a colonização da América e que ainda poderia ser encontrada desde o Peru até o Uruguai, segundo o Dr. Geraldo Velloso Nunes Vieira (1967).

A partir de 1982, com os trabalhos da Dra. Clara Vaz, a raça Crioula começou a ser preservada na Unidade da Embrapa em Bagé, com o objetivo de contribuir para a manutenção e caracterização desse grupamento genético. Nos dias de hoje, os criadores contam com um padrão racial definido e a disponibilidade de animais registrados PCOC (Puros por Cruzamento com Origem Conhecida), bem como das qualificações genealógicas intermediárias PROV III, II, I e BASE.

Nesse atual estado das coisas, a finalidade dessa nota é de apresentar alguns dados da morfologia das ovelhas de cria mantidas no Núcleo de Conservação da Embrapa Pecuária Sul, visando subsidiar reflexões sobre a evolução do padrão racial dos ovinos Crioulos.

No ano de 2013 foram colhidas algumas medidas zoonômicas em 206 ovelhas contemporâneas nascidas entre 2006 e 2011. Quanto as avaliações relativas a coloração dos velos e pelagens, os animais foram classificados como Branco (B), Branco Mascarado (BM), Castanho (C), Castanho Malhado (CM), Mouro (M), Mouro Malhado (MM), Preto (P) e Preto Malhado (PM). O peso de velo sujo foi aferido com 12 meses de crescimento de lã em 22/03/2013. O peso pré-acasalamento foi medido em 28/03/2013 e o peso pós-acasalamento em 28/05/2013. A altura foi medida na região da cernelha. O comprimento dos animais foi medido da articulação escapulo-umeral até a tuberosidade isquiática. E a largura das cadeiras foi resultado da medida entre as tuberosidades isquiáticas. As medidas da altura, comprimento e da largura das cadeiras foram tomadas em centímetros no mesmo momento da aferição do peso pré-acasalamento.

Na Figura 1 são apresentadas as frequências dos fenótipos quanto as pelagens e o peso dos velos. O gráfico “a” mostra a típica distribuição bi-modal da cor da pelagem nesse rebanho, no qual são menos frequentes os fenótipos intermediários (Castanhos e Mouros), comparativamente aos extremos brancos e

pretos. Essa distribuição muito possivelmente seja devida a participação das raças especializadas na produção de lã introduzidas no Brasil no período compreendido entre os anos 1920 e 1950, além das raças hispânicas. Esses cruzamentos muito pouco controlados levaram a formação do tipo Crioulo atual, contemplando os dois principais mecanismos de determinação da cor da pelagem, genericamente reconhecidos como preto recessivo, oriundo das raças especializadas na produção de lã; e preto dominante, originário das raças montanhesas. No gráfico "b" da mesma figura, é apresentada a distribuição dos pesos dos velos que variou de 1,2 kg a 3,5 kg, com uma média de $2,2 \pm 0,03$ kg. A amplitude observada é um pouco superior a descrita no regulamento do SRGO, entretanto essas variações podem ser decorrentes de fatores não controlados, como, por exemplo, o ano da avaliação. Um outro aspecto interessante a ser mencionado é que o peso de velo foi similar entre os diferentes tipos de qualificação genealógica. O que pode ser um indicativo que a quantidade de lã das ovelhas não está sendo considerada na avaliação de seu padrão racial.

Na Figura 2 são apresentadas as distribuições das características de peso corporal das ovelhas antes e após o período dos acasalamentos. A simples observação comparativa dos dois gráficos ("a" e "b") evidencia o aumento no peso corporal das ovelhas durante o período de cobrição, cujas médias foram respectivamente de $29,5 \pm 0,26$ e $31,4 \pm 0,27$ para os pesos pré e pós-acasalamento. Uma análise do possível efeito da qualificação genealógica sobre essas variáveis indicou uma diferença significativa entre as médias, com os menores valores para as ovelhas refugadas em comparação com as demais classes (BASE, PROV I, II ou III). Essa observação pode ser uma evidência que os animais menos desenvolvidos estão sendo preteridos na seleção visual.

As medidas relacionadas ao tamanho corporal estão ilustradas na Figura 3. A média de altura das ovelhas do Núcleo é de $61,1 \pm 0,20$ cm, variando entre 51 e 70 cm. Já o comprimento médio foi de

$51,4 \pm 0,22$ cm com valores extremos entre 42 e 63 cm.

Ambas distribuições são apresentadas nos gráficos "a" e "b" não apresentaram diferenças apreciáveis entre as classes de qualificação genealógica. A Figura 3c apresenta a variabilidade das medidas da largura das cadeiras das ovelhas. A média é $18,0 \pm 0,10$ cm, entretanto há diferença significativa entre as qualificações genealógicas, facilmente visualizada no gráfico. As ovelhas PROV III estão concentradas nos valores superiores a 20 cm e as qualificadas como BASE e REFUGO entre aquelas com medidas iguais ou inferiores a 16 cm.

A descrição da variabilidade da pelagem e das medidas informativas do tamanho corporal das fêmeas integrantes do Núcleo de Conservação das ovelhas Crioulas é uma informação muito simples, que no entanto, pode contribuir para o direcionamento futuro da raça nos rebanhos comerciais, ou, alternativamente apenas servir de modelo para outros criatórios, uma vez que o Núcleo é geneticamente fechado, não tendo sido incluídos animais de outras origens pelo menos nos últimos 15 anos.

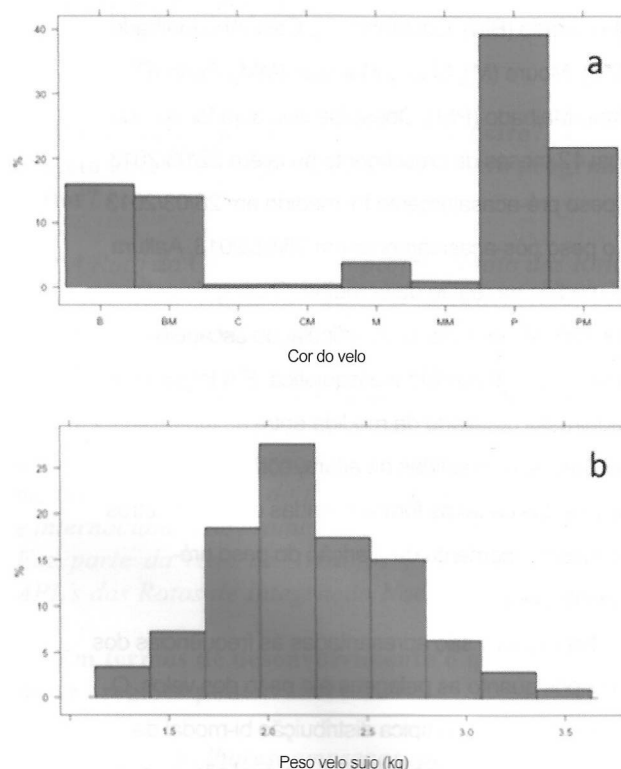


Figura 1. Em "a" é apresentada a distribuição da cor dos velos das ovelhas de cria no Núcleo de Conservação da Embrapa Pecuária Sul (B, Branco; BM, Branco Mascarado; C, Castanho; CM, Castanho Malhado; M, Mouro; MM, Mouro Malhado; P, Preto; PM, Preto Malhado); em "b" a distribuição do peso do velo sujo.

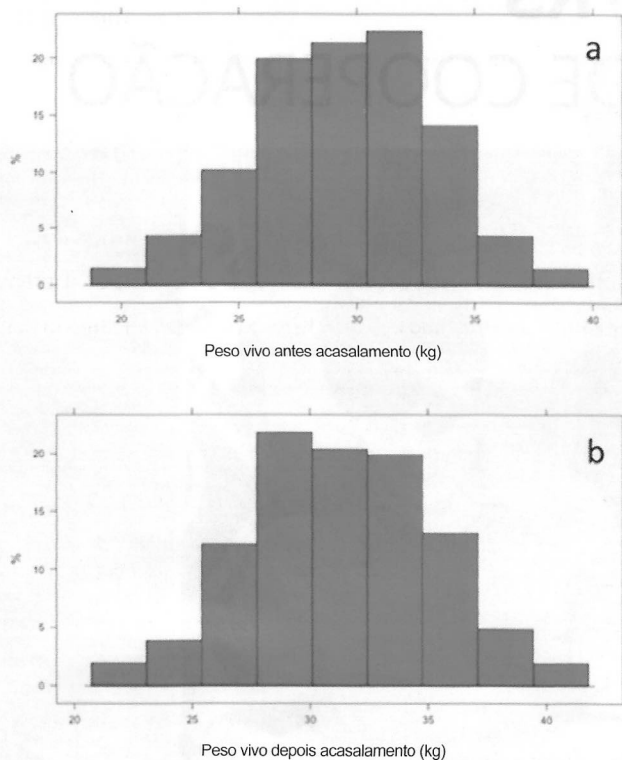


Figura 2. Em "a" é apresentada a distribuição do peso corporal das ovelhas de cria no Núcleo de Conservação da Embrapa Pecuária Sul antes do acasalamento; em "b" a distribuição do peso após acasalamento.

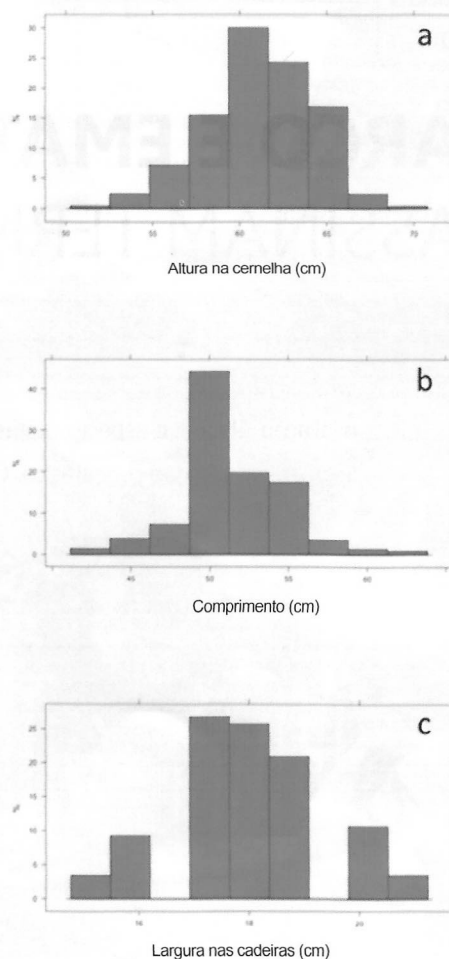


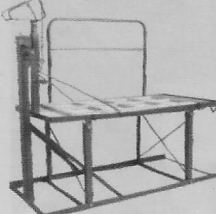
Figura 3. Em "a" é apresentada a altura das ovelhas de cria na cernelha; em "b" o comprimento do corpo; e em "c" a largura na região das cadeiras.

Bibliografia complementar

- MORAES, J. C. F.; SOUZA, C. J. H. Descrição da cor da pelagem em um rebanho de ovelhas Crioulas. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 2011. 27 p. (Embrapa Pecuária Sul. Documentos, 114).
- MORAES, J. C. F.; SOUZA, C. J. H.; PAIVA, S.R. Uma reavaliação dos ovinos Crioulos Lanados sob a ótica de sua conservação. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 2015. 27 p. (Embrapa Pecuária Sul. Documentos, 141).
- SRGO – ARCO. Regulamento do Serviço de Registro Genealógico de Ovinos. www.arcovinos.com.br/sitenew/ferramenta/imagens/documentos/12.pdf
- VAZ, C. M. S. L. Morfologia e aptidão da ovelha Crioula Lanada. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 2000. 16 p. (Embrapa Pecuária Sul. Documentos, 22).
- VIEIRA, G.V.N. Criação de ovinos. Edições Melhoramentos, 3a. edição, São Paulo, 480 p., 1967.



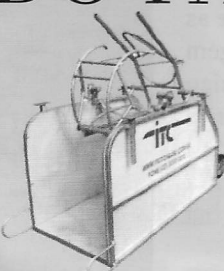
TUDO PARA SUA CRIAÇÃO



CARDEADEIRA



MACA IMOBILIZADORA



TRONCO TOMBADOR



TOSQUIADEIRA 430W

PRODUTOS:

Casqueamento

Inseminação

Identificação
(tatuagem/brincos)

www.itcdobrasil.net

(42) 3232-2272